



Como elaborar um projeto de pesquisa

Ciro Flamarion S. Cardoso

1. Identificação do problema, formulação e delimitação do tema de pesquisa

Um problema científico a ser pesquisado surge quando, interessando-se por certa temática ou área de estudos, o pesquisador descobre: a) com maior freqüência uma *lacuna* a ser preenchida, usando os quadros teórico-metodológicos disponíveis; b) ou uma falha no campo do saber (ou seja, o historiador está em desacordo com conhecimentos ou teorias antes admitidos).

O caminho que leva de um vago interesse a um tema bem formulado e delimitado de pesquisa pode ser longo. No início, o pesquisador poderá dizer coisas como: "interessa-me a História das rebeliões de escravos"; "gostaria de estudar algo sobre a industrialização"; "não me satisfazem os trabalhos existentes sobre o caráter do Estado e sua atuação no período X", etc. Partindo de tais impulsos ainda mal definidos, começará uma fase de leituras temáticas e também histórico-metodológicas, de sondagens de documentação em arquivos e bibliotecas, de entrevistas com historiadores que trabalharam sobre assuntos semelhantes ou acerca do mesmo período, etc. Até que, finalmente, se torne possível afirmar sem ambigüidade qual é o tema a ser pesquisado, delimitando-o; 1) no tempo; 2) no espaço; 3) como universo de análise (quer dizer, definindo "o que entra" e portanto, o que *não* entra no estudo que se empreenderá).

No projeto de pesquisa, um primeiro item deve referir-se exatamente ao *tema de pesquisa*: sua formulação; sua delimitação; e sua justificação. Falaremos agora dos critérios que presidem à seleção de temas a pesquisa, e que, portanto, são aqueles que sirvam para justificar, no projeto, o tema escolhido.

1º) **Critério de Relevância** – O tema deve se "importante". O critério que agora nos interessa tem dois aspectos: 1) relevância social; 2) relevância científica.

Lucien Febvre afirmou certa vez que a História é ao mesmo tempo a ciência do passado e a ciência do presente: é a forma pela qual o historiador atua na sua época, na sua sociedade, e deve ajudar a explicar o social *no presente* (e, por isto, auxiliar a

preparação do futuro). Assim, a escolha de temas de pesquisas históricas deve estar atenta as prioridades sociais do momento que se vive.

Por outro lado, existe também a relevância científica: a ciência histórica, como as demais, evolui, e em cada etapa redefine os objetos, conceitos, prioridades e possibilidades. É evidente que isto deve ser levado em conta quando se selecionar um tema a pesquisar. É verdade, também, que às vezes se estabelecem “modas” científicas cuja relevância é duvidosa; é preciso saber responder seletivamente às pressões do meio acadêmico, descartando a tentação de aderir a modas que no fundo têm pouca consistência.

2º) **Critério de viabilidade** – Não basta que um tema seja interessante e válido. Também é preciso que seja *possível* pesquisá-lo com os recursos a que se tem acesso.

O critério de viabilidade se refere a: 1) recursos humanos; 2) financiamento e recursos materiais; 3) tempo disponível para realizar o trabalho.

Por recursos humanos entendemos o número de pesquisadores e a sua formação teórico-metodológica e *técnica*. Não é o mesmo escolher um tema a ser desenvolvido por um historiador isolado, ou por uma equipe de historiadores. Não é possível abordar um tema relativo a preços, salários e níveis de vida se não se dispõe de conhecimentos econômicos e estatísticos adequados (a não ser naturalmente, que esteja previsto um período de treinamento acelerado e pertinente).

Aqui aparece um problema freqüente nas dissertações de mestrado: a ambição desmedida. É perfeitamente aceitável um tipo de ambição: o de transformar o exercício de pesquisa que é a dissertação numa verdadeira *tese*, bem trabalhada e fundamentada. Porém o que acontece com freqüência é que o pesquisador novato – pois para a maioria dos mestrandos a dissertação de mestrado é sua primeira incursão no terreno da pesquisa pessoal com dados primários – é a escolha de temas que ultrapassam, e em muito, as suas capacidades reais no momento. É muito melhor uma monografia séria, aberta à teoria, do que uma temática vasta e teoricamente ambiciosa, mas mal realizada.

Quanto ao financiamento e aos recursos materiais, trata-se de um fator de seleção e também de limitação. Verbas abundantes, acesso a boas instalações e ao apoio de assistentes e de secretaria, possibilidade de uso de computador e de consultorias em estatísticas, abrem caminhos que não são possíveis trilhar em outras condições. Ser ou não ser bolsista, ter ou não os meios de arcar com despesas relativamente grandes de microfilmagem ou de cópias xérox, por exemplo, podem ser fatores de peso. É evidente, porém, que para um historiador o que mais conta, neste ponto, é a existência de disponibilidade de uma documentação abundante e adequada ao tema proposto, condição não suficiente, mas necessária para o êxito da pesquisa.

Finalmente, o tempo: a extensão de um projeto depende bastante do tempo que se pode dispor para realizá-lo em todas as suas fases.

3º) **Critério da originalidade** – Cada atividade concreta de pesquisa deve contribuir com algo novo ao corpo do saber. O critério de Originalidade se cumpre de duas maneiras: 1) trabalhando sobre temas ainda não pesquisados (o que permite preencher lacunas do conhecimento); 2) ou pesquisando temas já estudados: a) com documentação radicalmente renovada; b) partindo de enfoques teórico-metodológicos distintos; c) rebatendo teses anteriormente aceitas.

4º) Critério do interesse pessoal – O pesquisador tem melhor rendimento ao trabalhar acerca de assuntos que lhe interessam. Convém, pois no projeto de pesquisa, especificar a natureza e a origem do interesse pessoal sobre o tema que se propôs.

2. Os objetivos do projeto

Um segundo item do projeto de pesquisa deve ser o enunciado dos objetivos da mesma. Estes podem ser de vários tipos: 1) científicos; 2) pedagógicos (uma dissertação de mestrado, por exemplo, é um exercício de pesquisa e visa à obtenção de um título acadêmico); 3) outros: o projeto de História pode ser parte de outro maior no qual **intervêm** sociólogos, antropólogos, geógrafos, etc., ou pode estar voltado para algum tipo de atuação posterior (embora isto ocorra raramente).

Os objetivos devem ser expostos brevemente e com muita clareza. É preciso que mesmo um não especialista, ao lê-los, entenda o que o autor se propõe.

3. As hipóteses de trabalho (ou heurísticas)

Uma vez claramente formulado e delimitado o tema a pesquisar, o pesquisador normalmente o fraciona em aspectos, em problemas menores, para viabilizar a sua solução efetiva. A cada uma das questões colocadas se dará uma resposta provisória, *inventada* com apoio em alguma teoria: a hipótese. Às vezes há uma hipótese central, acompanhada de algumas hipóteses subsidiárias.

Uma hipótese científica deve cumprir com dois requisitos principais: 1) ser uma proposição de caráter *geral* (ou seja universal – aplicável a todos os casos – ou particular – aplicável a uma parte dos casos – mas nunca singular, quer dizer, aplicável a um único caso); 2) ser verificável com a documentação e os métodos disponíveis.

Os caminhos que conduzem às hipóteses são bastante variáveis. Às vezes uma hipótese surge como um ponto de chegada de uma corrente inferencial indutiva (uma generalização a partir de uma série de dados ou fatos). Há também muitos exemplos na História da ciência, de hipóteses sugeridas por analogias matemáticas ou sensoriais

(assim, a hipótese ondulatória da luz foi sugerida a Huyghens pela contemplação das ondas do mar). E inclusive de posições filosóficas conduzindo a hipóteses: a concepção de uma realidade contraditória, caracterizada por contradições dialéticas; ou por oposições binárias complementares, etc., são idéias que podem levar à formulação de hipóteses científicas. De fato, a origem destas não importa, desde que cumpram com os requisitos já mencionados, e estejam bem formuladas (o que se descobre pelo seu exame lógico).

Não é possível, de fato, *ensinar* a inventar hipóteses. O mecanismo mental correspondente é mal conhecido, inclusive. Pode-se porém, fazer algumas indicações normativas gerais:

1º) um passo prévio à formulação de hipóteses é a identificação e ordenamento dos fatores pertinentes à análise (ou das variáveis, se se tratar de uma pesquisa quantificada);

2º) a hipótese não deve ser uma afirmação de conteúdo empírico sobre um fator (por exemplo: "a produção X aumentou durante o período Y"), e sim um enunciado relativo aos *vínculos entre fatores* ou variáveis (por exemplo: "a produção X aumentou durante o período Y devido a incidência dos fatores A, B, C... N"; naturalmente, é preciso também especificar como incidem tais fatores); por isto pode ser útil tentar formular as hipóteses como enunciados legais (como: "se, e somente se..., então..."; ou: "para todo X, sendo X... e ocorrendo que..., então...". etc.);

3º) as hipóteses afirmativas são mais úteis do que as negativas, por dar lugar a uma verificação substantiva (as negativas são consideradas válidas se nada demonstra que são falsas);

4º) as hipóteses devem ser formuladas com clareza e concisão: não o conseguir, revela uma falha no manejo da base teórica das qual se quer derivar a hipótese, ou que o próprio tema ou os fatores pertinentes não estão claramente delimitados;

5º) a História é o estudo da dinâmica do tempo das sociedades humanas (Pierre Vilar): por isto, em História muitas das hipóteses fecundas se referem a *mudanças no tempo* (o próprio Vilar disse certa vez que, mais do que a riqueza e a pobreza, o historiador estuda os enriquecimentos e empobrecimentos: o mesmo se aplica a outras temáticas);

6º) a História hoje não se baseia já em fatos "únicos e irrepetíveis", e sim uma visão estrutural da totalidade social e de cada um dos seus níveis: isto deve ser recordado ao formular hipóteses relativas a causalidade ou determinações.

A hipótese é o instrumento central do processo de pesquisa. Age como um *critério de pertinência*, que permite ao pesquisador decidir que documentos e que dados lhe servem, e quais não. Por isso, é útil mesmo quando a verificação demonstrar que é falsa,

forçando à sua modificação ou abandono. Assim, a formulação adequada de hipótese é essencial para que o projeto de pesquisa seja fecundo.

4. O quadro teórico

Todo processo de pesquisa parte de uma base teórica implícita ou explícita. Evidentemente, é muito melhor explicitar o quadro teórico utilizado, pois sobre o que fica implícito não se pode exercer qualquer tipo de controle. Como a formulação das hipóteses depende bastante das escolhas em matéria de teoria, se se preferir é possível inverter a redação do projeto, a ordem que aqui seguimos, expondo o quadro teórico antes de formular e justificar as hipóteses.

Deve-se notar também, que não se espera que o autor do projeto tenha a obrigação ou a pretensão de “dar aula” de teoria a quem eventualmente deverá julgar a pertinência e viabilidade de tal projeto (pelo contrário, quando o tenta, a leitura do mesmo pode tornar-se altamente irritante). O que se pede é que o pesquisador formule clara e sucintamente suas opções em matéria de teoria, ligando-as ao tema e às hipóteses.

5. Fontes e metodologia

O que se quer, aqui, não é uma lista de fontes, e sim uma tipologia das fontes (principalmente as primárias ou diretas), com explicações acerca da sua pertinência em relação ao tema e às hipóteses. Por isso mesmo antes de realizar cabalmente a coleta de dados, é preciso proceder a uma sondagem da documentação primária e secundária (ou indireta) disponível. Se se quiser, pode-se inclusive tomar hipótese por hipótese e, para cada uma explicitar os tipos de fontes que servirão à sua verificação.

Quanto à metodologia da pesquisa, depende fundamentalmente: 1) da modalidade de tema que se escolheu; 2) da teoria de que se parte; 3) das hipóteses; 4) da documentação disponível; também aqui não se trata de uma exposição erudita acerca dos diversos métodos que serão empregados (incluindo as técnicas), e sim de uma especificação breve e muito concreta de *como se pretende verificar as hipóteses que foram formuladas, partindo da documentação disponível*; será preciso, sem dúvida, referir-se tanto a opções metodológicas amplas quanto a técnicas bem definidas, mas em forma breve e pertinente.

6. Cronograma de execução

← N É NECESSÁRIO

Consiste na especificação do tempo que se pretende empregar em cada fase do processo de pesquisa posterior à elaboração do projeto. O melhor é elaborá-lo na forma de um quadro. Exemplo:

Atividades	2011												2012					
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho
1) Modificações no projeto para atender a críticas	X																	
2) Coleta de dados		X	X	X	X	X	X	X	X	X								
3) Análise e processamento											X	X						
4) Redação													X	X	X	X		
5) Correções do texto e datilografia																	X	X

7. Bibliografia

Deve conter não só os artigos e livros pertinentes ao tema, mas também aqueles que forem utilizados como pontos de apoio teóricos e metodológicos. O melhor é dividir as obras em grupos segundo categorias e temáticas; dentro de cada grupo, usar-se-á a ordem alfabética dos *sobrenomes* dos autores.

Exemplo de divisões possíveis de uma bibliografia de projetos: 1) fontes primárias impressas; 2) obras de caráter teórico metodológico; 3) obras gerais sobre o tema (ou que o incluam); 4) seções temáticas (quantas forem necessárias).

8. Conclusão

Muitos projetos de pesquisa são redigidos por imposição institucional. É importante, porém, que o pesquisador aproveite a oportunidade para elaborar algo que lhe seja útil, que possa efetivamente guiar a execução da pesquisa em questão.

Um projeto não é, em princípio, um documento muito longo. Deve ser suficiente, porém, para que todas as justificativas, hipóteses e decisões diversas fiquem claramente formuladas.

Em princípio, a parte relativa à justificativa do tema – sobretudo se for necessária uma breve revisão bibliográfica para mostrar em que o projeto é original – e a das hipóteses (que é preciso justificar com os conhecimentos já disponíveis) são as que exigem maior desenvolvimento da redação.